

O USO VARIÁVEL DAS FORMAS DE TRATAMENTO “TU” E “VOCÊ” NO PORTUGUÊS FALADO POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM LONTRA-MG

Zenilda Mendes dos Reis (Unimontes)

zenildareis06@gmail.com

Maria do Socorro Vieira Coelho (Unimontes)

soccoelho@hotmail.com

RESUMO

O objeto de estudo da pesquisa é o uso *diferente* dos pronomes de tratamento “tu” e “você”, aspecto linguístico do português falado pelos moradores da cidade de Lontra, norte de Minas Gerais, representados pelos participantes desta pesquisa, os alunos do 8º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Guimarães Rosa. Seu objetivo foi pesquisar a alternância de uso do “tu” e “você” em contextos variados de interlocução identificados na oralidade daqueles alunos do uso dessa variação. A investigação norteou-se pelas teorias da Sociolinguística laboviana e da vertente Sociolinguística Educacional. Foram levantadas as hipóteses de que o que acontece na cidade de Lontra é um caso de variação linguística e que fatores estruturais e não estruturais influenciam essa alternância. Quanto à metodologia, do ponto de vista da abordagem ao problema, utilizou-se a proposta laboviana e, quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa-ação. Os resultados apontaram variação no uso das formas de tratamento, *tu* versus *você* e suas variantes *ocê* e *cê* evidenciaram a influência de fatores linguísticos e sociais no uso das formas linguísticas em estudo.

Palavras-chave:

Português mineiro. Variação linguística.
Formas de tratamento ‘tu’ e ‘você em Lontra’.

ABSTRACT

The research object of study is the different use of the treatment pronouns “tu” and “você”, a linguistic aspect of the Portuguese spoken by residents of the city of Lontra, north of Minas Gerais, represented by the participants of this research, the 8th grade students elementary school at Guimarães Rosa State School. Its objective was to research the alternation of use of “tu” and “você” in varied contexts of interlocution identified in the orality of those students using this variation. The investigation was guided by the theories of Labovian Sociolinguistics and Educational Sociolinguistics. Hypotheses were raised that what happens in the city of Lontra is a case of linguistic variation and that structural and non-structural factors influence this alternation. As for the methodology, from the point of view of the approach to the problem, the Labovian proposal was used and, as for the technical procedures, the action research. The results showed variation in the use of the forms of address, *tu* versus *você* and its variants *ocê* and *cê* evidenced the influence of linguistic and social factors in the use of the linguistic forms in study.

Keywords:

1. Introdução

A vasta produção literária na área da Sociolinguística Variacionista tem comprovado que toda língua em uso é heterogênea, diversificada, que a variação é inerente ao sistema linguístico, mas passível de sistematização. Isto é, a coexistência de formas em uma determinada língua é condicionada e permite identificar casos de mudanças. Todavia, aprender a lidar com a heterogeneidade linguística constitui um grande desafio para quem principia a estudar a história das línguas, visto que a realidade vem de encontro à imagem da “língua boa” cultivada pela tradição gramatical e difundida pela escola que insiste em adotar uma única variedade, a padrão, como a única apropriada, em detrimento das outras, as variedades populares.

É certo que a realidade desvela esses (pre)conceitos, expondo as múltiplas variedades utilizadas pelos usuários, sobrepujando a ideia da homogeneidade linguística, pois, uma língua em uso é formada por variedades e elas constituem a língua. Ou seja, o conjunto de variedades forma uma língua e isso significa que a língua é uma ‘unidade sistêmica’ formada por um conjunto de variedades.

Do ponto de vista estrutural, as variedades que constituem uma língua são equivalentes, têm sua organização, suas normas, e servem a contento à comunicação do grupo que as usa. Assim, as variedades coexistem, alternam-se em uma mesma comunidade linguística constituída por comunidades de prática, nas quais seus membros interagem verbalmente, compartilhando os mesmos usos linguísticos, muitas vezes convivendo com diferentes modos de falar, sem que isso interfira na harmonia e na compreensão da língua entre seus usuários.

Nesse contexto, urge, ainda, que se desmitifique a ideia de que existe soberania linguística, em outros termos, de que uma língua pode ser julgada como melhor, ou mais adequada, ou mais “correta” que as outras, o que corrobora a afirmação de William Labov, um dos percussores da Sociolinguística, de que quaisquer línguas são adequadas e perfeitas para a comunicação, bastando que sejam apenas compreendidas, respeitadas e aceitas as suas diferenças.

E ainda, Labov (2008, p. 236) acrescenta e assevera que “quanto mais se conhece uma língua mais se pode descobrir sobre ela”. Nessa trilha, o estudo das variedades linguísticas traduz uma imersão nesse mundo de conhecimentos e descobertas infindáveis, uma vez já contabilizada um grande número de pesquisas sobre estudos linguísticos, além de outras tantas em andamento ou ainda desconhecidas do público. Em verdade, nessa linha de investigação jamais se chegará a um ponto final, porque são extensas as questões relacionadas a um ou a outro aspecto da língua, visto que, (re)textualizando Labov, o que se conhece ou se descobre é somente a ponta do *iceberg*; a outra parte, de grandeza ainda desconhecida, encontra-se submersa.

A língua é um conjunto de sistemas e subsistemas, de enorme complexidade, especialmente para aqueles que se dedicam a analisá-la total ou parcialmente. Nessa linha de raciocínio e a título de ilustração, citamos o sistema pronominal do português brasileiro que vem passando por reorganização, desde o final do século XIX. Embora o referido sistema tenha sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, ainda carece de investigações. As formas pronominais “tu” e “você” são um exemplo de como os pesquisadores do Português Brasileiro, doravante PB, têm se dedicado a descrever, analisar e mapear seus usos, haja vista que tais pronomes de referência à segunda pessoa do discurso trazem, em sua história diacrônica e sincrônica, contribuições valiosíssimas para o estudo do PB. Ademais, constituem exemplos tanto de variação quanto de mudança linguística, enquadrando-se, nesta última categoria, o ‘você’, derivado da forma nominal Vossa Mercê, que passou por diversas transformações fonéticas até chegar à sua forma atual.

Nesse diapasão, apresentam-se, neste artigo, resultados de uma pesquisa sobre a alternância das formas de tratamento “tu” e “você” no PB falado por alunos do 8º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Guimarães Rosa, na cidade de Lontra, norte de Minas Gerais. Objetivou-se com a investigação analisar a alternância no uso das formas de tratamento, na fala dos sujeitos pesquisados, assumindo a seguinte hipótese: – o uso de “tu” e “você” no PB falado pelos alunos do 8º ano do EF da EEGR – Lontra/MG constitui uma variável linguística condicionada por fatores estruturais e não estruturais.

Justificam-se como objetivos desta pesquisa: analisar o uso das formas ‘tu’ e ‘você’ na oralidade dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Guimarães Rosa, no município de Lontra-Minas Gerais; apontar possíveis influências de fatores estruturais e não estruturais

no português falado pelos sujeitos participantes da pesquisa; oferecer contribuições para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Adotou-se a abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística laboviana, da Sociolinguística Educacional para a coleta, descrição e análise dos dados, objetivando quantificar e analisar o uso das duas formas pelos sujeitos informantes.

Para desenvolver o estudo, este texto estrutura-se em mais quatro partes, a saber: na segunda parte, delineiam-se, sucintamente, o objeto de estudo, as observações sobre as formas de tratamento no PB, teoria e ensino; na terceira parte, apresentam-se o *corpus* e a metodologia utilizada; em seguida, descrevem-se os dados e discutem-se os resultados na quarta parte; por fim, na quinta parte, apresentam-se as considerações finais.

2. “Tu” e “você” no português brasileiro: teoria e ensino

Sendo a Sociolinguística a área de estudo que investiga a relação entre língua e sociedade, correlacionando a linguagem a diversos fatores, este trabalho está inserido nesse arcabouço, porquanto investiga a variação dos pronomes “tu” e “você” e a influência de fatores internos e externos à língua atrelados a esse aspecto, corroborando a assertiva laboviana (Cf. LABOV, 2008) de que em toda comunidade de fala são frequentes formas linguísticas em variação. Se variedades linguísticas são diferentes formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto de fala e com o mesmo valor de verdade (Cf. TARALLO, 1994), intenciona-se, com a demonstração de dados coletados, verificar se há variação de uso dos pronomes “tu” e “você” na fala dos participantes. Soma-se a isso, com base em Leite (2008), detectar na fala dos participantes a percepção de crenças e atitudes que podem gerar preconceito linguístico, e se estas são advindas dessa possível variação.

No que concerne à escola, variação linguística e ao ensino, área teórico-prática, criou-se o espaço denominado Sociolinguística Educacional que tem acirrado debates, discussões, pesquisas, cursos de formação para docentes entre outras atitudes e produções promovidas nas universidades brasileiras. Os usos linguísticos e o modo como são vistos e tratados pela escola são temas abordados por Bortoni-Ricardo (2004), uma das pioneiras no campo da Sociolinguística Educacional no Brasil, que afirma que com as constantes e múltiplas variações com as quais se deparam os professores em sala de aula, a variação linguística tem provocado, nesses

profissionais, dúvidas e insegurança em relação ao modo de agir diante deste fenômeno.

Para a linguística, os chamados erros de português nada mais são que diferenças entre variedades da língua. Segundo a referida autora, o que muito se vê e se ouve em sala de aula é que a variedade usada no domínio do lar, e trazida para a escola, variedade esta com predomínio da cultura da oralidade, é eivada de informalidade, em contraposição à variedade ensinada na escola, onde predomina a cultura de letramento cultivada nesse ambiente. Nesse cenário, emergem a inquietação e a dúvida do professor quanto aos seus procedimentos: interferir ou não, quando as duas variedades se justapõem em sala de aula; até que ponto e que erros ele deve apontar e corrigir; o que pode ou não, das variedades, ser considerado. É papel da escola e do professor encontrar formas efetivas de solução dessas questões, e de conscientização e ação sobre essas diferenças.

Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2004) postula que é necessário o desenvolvimento de práticas educativas para o envolvimento de todos os falantes da língua, inclusive os de classes menos favorecidas, já que, também são partícipes de práticas sociais que demandam os diversos conhecimentos linguísticos. Pois, as variedades linguísticas existem e estão representadas nos mais diferentes lugares e vozes e, reavivando, ainda mais, a diversidade linguística. Conforme autora, a valorização da pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos precisam ser o quanto antes difundidos na escola, começando a partir da educação infantil, ou seja, quanto mais cedo, melhor o aprendiz entenderá tais valores.

2.1. “tu” e “você” no PB – breves considerações

No tocante à diacronia das formas pronominais em análise, o “tu” e “você”, percebemos pelos estudos desenvolvidos, que carregam em seu perfil histórico a relação com as estruturas sociais que elas representavam, talvez, a razão pela qual algumas formas, ainda hoje, são prestigiadas enquanto outras são estigmatizadas. Desde a Idade Média, há registros dos pares “tu” e “você” já identificando classes sociais distintas, este a força e o poder da alta sociedade; aquele, o pobre, o povo, o servilismo. Lopes e Rumeu (2015 *apud* BROWN; GILMAN, 1960, p. 15) advogam que, a princípio, a diferença entre “tu” e “você” era estabelecida, em latim, pela representação de singular e plural, respectivamente. Entretanto, já no século IV, ‘vós’ se coloca também como tratamento respeitoso entre os interlocutores, evidenciando semanticamente as relações de poder. Em

outras palavras, nas relações sociais, hierarquicamente, o interlocutor superior se dirige ao seu inferior por ‘tu’, no entanto é tratado por ‘vós’, revelando a assimetria no uso das duas formas tratamentais.

Menon (1995) informa que modificações nos pronomes de segunda pessoa começaram pela forma ‘vós’, por ser menos utilizada. Até o séc. XIV, tal pronome era usado como segunda pessoa do plural quando empregado em referência a mais de um ouvinte, ou para se referir a um único interlocutor, desde que este ocupasse posição social ou hierárquica superior, ou por questões de idade, ou, ainda, por convenções sociais, quando o interlocutor exigia do falante um tratamento respeitoso. O ‘vós’ era considerada a forma polida de se dirigir ao interlocutor, enquanto o mesmo não acontecia com a forma ‘tu’ reservada para o trato aos iguais, ou de um superior para o inferior. Pelas regras de conduta da sociedade, não se podia referir-se a desconhecidos utilizando ‘tu’, pois a forma era usada em casos específicos como para pessoas conhecidas, mais próximas. O “tu” tinha restrições de uso; o “vós”, não, já que era forma polida, de trato respeitoso, assim sendo, ninguém se ofenderia sendo tratado por “vós”.

Posteriormente, segundo a autora, a sociedade portuguesa passa por profundas modificações econômicas, alterando, também, as relações sociais, introduzindo outras formas de tratamento que melhor traduzissem essas relações. Surgiram, então, formas mais respeitosas para se dirigir exclusivamente ao rei, que se tornara um personagem sem par. Locuções nominais substantivas, com verbo na terceira pessoa, formadas por “Vossa”, de “vós”, mais um nome: “Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Majestade”, sendo a primeira documentada como a mais antiga. “Vossa Mercê” e “Vossa Senhoria” refletiam as duas principais instituições medievais: a mercê do rei e do senhorio do poder feudal, segundo Faraco, citado por Menon (1995, p. 94).

Tais formas tornaram-se habituais para o tratamento não íntimo entre os nobres, que exigiam ser tratados por seus inferiores dessa forma. Todavia, pessoas de camadas sociais menos abastadas começaram a imitar os nobres, exigindo também de seus inferiores o mesmo trato “respeitoso”. Desse modo, “Vossa Mercê”, forma antes privilegiada, passa a ser difundida, segundo a autora, por grande parte da população no tratamento não íntimo entre os pares, perdendo por completo o sentido de prestígio honorífico das cortes. Com sua popularização, a conseqüente expansão acarretou mudanças fonéticas na expressão, que passou de “Vossa Mercê” a “você”, tanto em Portugal, quanto no Brasil, onde também já se registra a forma reduzida “cê”.

Apesar de “você ter surgido posteriormente ao “tu”, no Brasil do séc. XIX, as duas formas passaram a disputar o mesmo espaço em relações de proximidade entre as pessoas, com o diferencial de que o “você” era usado em situações de relativa formalidade, herança da sua forma arcaizada “Vossa Mercê” e do seu contexto de uso na hierarquização social portuguesa. Ainda que o uso de “você” seja uma realidade nacional e a forma dominante na atualidade, existem áreas no país onde o uso do ‘tu’ é bem recorrente. Em comentário a este assunto, Faraco (1996 [2017], p. 121) esclarece que o “‘você’ é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome ‘tu’ restrito a algumas variedades regionais. A razão para esse uso tão amplo de ‘você’ no Brasil deve ser encontrada, certamente, na história de formação do país”.

As pesquisas sociolinguísticas sobre as duas formas de tratamento no PB são diversas e bastante abrangentes e em todo o país, sendo muitas reunidas delas por Scherre *et al.* (2009; 2015), categorizando seis subsistemas e sua distribuição por regiões e estados brasileiros para que, segundo os autores, se pudesse ter uma visão mais ampla e completa do conjunto do projeto. Lopes e Rumeu (2015, p. 13) corroboram Scherre, quando asseguram que, atualmente, no PB, “as formas ‘tu’ e ‘você’ coexistem como pronomes de referência à 2ª pessoa do discurso, cf. já revelado pelas pesquisas sociolinguísticas, mais especificamente, pelos trabalhos sintetizados por Scherre *et al.* (2009)”, evidenciando, segundo as autoras, a diversificação tanto diatópica, quanto interacional. Sequencialmente, as linguistas apresentam outra sistematização, à luz de Lopes e Cavalcante (2011), em uma adaptação de Scherre *et al.* (2009), mostrando uma súmula de apenas três subsistemas: o subsistema de “você”, o de “tu” e o da alternância “você” e “tu”.

Em relação às pesquisas sobre as formas de tratamento no PB em Minas Gerais, ainda são poucas as informações sobre “tu” e “você” no português mineiro. Os estudos realizados apresentaram a predominância do “você” em relação ao “tu”. Na sequência, citam-se os trabalhos de pesquisadores que elegeram as duas formas pronominais como objeto de estudo: “*Você em Minas Gerais em uma perspectiva intralinguística*, (HERÊNIO, 2006); *Da transição tu/você em Minas Gerais*, (LUCCA, 2000) e *A variação dos pronomes tu e você na fala mineira de Ressaquinha-MG*. (SILVA, 2017).

Diante do exposto, o surgimento e a evolução do comportamento desses dois pronomes ao longo do tempo, inspiraram e conduziram a análise de seus usos na fala de alunos adolescentes da cidade de Lontra.

Como já mencionado, sua história começou na Idade Média, quando foram encontrados registros com o uso do ‘tu’ como forma de tratamento; era a variante estilística que marcava intimidade usada pelas classes menos privilegiadas, e não entre pessoas desconhecidas; tinha usos determinados. Tempos depois, surge o ‘você’ e, no século XIX, começa sua concorrência com o ‘tu’. Entretanto, em pleno século XXI, pesquisa-se como esses dois pronomes se comportam numa cidadezinha interiorana, com ‘pouco tempo de história como cidade’, refletindo uma linguagem de tempos tão antigos e de lugares tão distantes.

A situação que aqui se persegue é intrigante, uma vez que o fenômeno parece não ser uma simples coincidência. Por meio de observações aleatórias feitas durante o convívio diário com os sujeitos informantes, foi possível perceber o uso recorrente do “tu” em Lontra nas mesmas circunstâncias de sua origem, isto é, em situações de proximidade, de conhecimento do outro, de familiaridade, mas não com desconhecidos ou os não íntimos. Por sua vez, o “você” é usado em situações de relativa formalidade, quando não cabe o trato íntimo. Ambas as formas não apresentam um uso aleatório, que acontece vez ou outra, mas parece que a aplicação de uma forma ou de outra é determinada por fatores que demandam seu uso. Contudo, essa peculiaridade de uso e alternância dos dois pronomes em referência ao interlocutor é vista como estranha, diferente, e, por isso, estigmatizada, concernente ao uso da variante “tu”, concordando com o verbo na terceira pessoa.

A originalidade desses usos linguísticos peculiares ao português falado pelos lontrenses, até onde se tem conhecimento, deve ser estudada, esclarecida aos seus moradores como um aspecto natural da língua do PB, difundida, e não estigmatizada, já que tem uma história, e é registro dessa história, que caminha e sobrevive há tempos, e se aportou aqui; só não se sabe ainda como, quando exatamente e nem por quê. Um fato que carece ser investigado.

3. Metodologia e Corpus

Conforme informado anteriormente, o estudo foi realizado com duas turmas de alunos do 8º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Guimarães Rosa, na cidade de Lontra localizada na mesorregião do norte de Minas Gerais. Lontra é cidade *locus*, pequena, interiorana que, segundo o Censo/IBGE de 2017, contava com 9044 habitantes.

No período colonial, o município pertencia à Capitania da Bahia e era habitado pelos índios Tapuias. O município iniciou seu povoamento por volta de 1920, às margens de uma lagoa, um local acolhedor para o descanso dos viajantes e tropeiros que por esse lugar passavam. De acordo com Reis (2017), para os comerciantes que por ali passavam, vindos de vários lugares, inclusive de outros estados, transportando suas mercadorias em lombos de animais e carros de boi, o lugar era um ponto de descanso, uma referência para acomodação após longas e cansativas viagens. Apesar de ter-se emancipado em 27 de abril de 1992, conforme Reis (2017), a cidade continua com aspectos interioranos: tranquila, hospitaleira, pacata, onde os moradores ainda se privilegiam com benefícios e liberdades hoje proibitivos às cidades grandes.

A amostra foi constituída por um grupo de 48 alunos de duas turmas de 8º ano do ensino fundamental, 8º ano 4 (27 alunos, sendo 19 meninas e 8 meninos) e 8º ano 5 (21 alunos, sendo 13 meninos e 8 meninas), adolescentes com idade entre 13 e 14 anos e, para a coleta e análise dos dados, foi usada a metodologia sociolinguística laboviana, quando mediu-se e analisou-se o uso que os alunos informantes faziam do “tu” e do “você”.

Para isso, foram realizadas duas atividades utilizando gravações de áudio: a primeira, quando os alunos enviaram um recado para uma pessoa conhecida, muito especial para eles, intitulada “Um recadinho para alguém especial”; a segunda, denominada “Curiosidades sobre a professora”, quando mensagens foram destinadas à professora/pesquisadora de português. Os dados do *corpus*, total de 90, foram coletados via celular, utilizando a ferramenta *Whatsapp*, por meio da qual as duas mensagens foram enviadas, uma para alguém especial (colega, familiar, amigo, madrinha) e outra para a professora/pesquisadora.

A escolha do uso do *Whatsapp* se deveu à crença de que, por ser uma ferramenta moderna, atual, de fácil manuseio e constantemente usada pelos jovens e pelas pessoas em geral, os alunos se sentiriam mais à vontade para fazer as gravações, o que poderia garantir a coleta do vernáculo o mais próximo possível do real. Apesar de, em alguns casos, ainda se ter detectado a monitoração da linguagem nas gravações, o uso do *Whatsapp* mostrou-se bem sucedido, além de ter agradado, sobremaneira, aos aprendizes.

Depois de realizadas as atividades mencionadas anteriormente, elas foram transformadas em números (pesquisa quantitativa), quanto às incidências de uso do “tu” e do “você”, para, então, serem analisados os dados

obtidos cuja finalidade era verificar se o aspecto linguístico ocorrido em Lontra seria um caso de variação linguística e, se sim, que fatores estruturais e não estruturais teriam influenciado aquela alternância.

3.1. Variáveis consideradas

As formas investigadas “tu” e “você” usadas pelos informantes, de modo geral, alternam entre si, se substituem em um mesmo contexto de fala, e, por essa razão, foram escolhidas como variantes linguísticas. Ademais, não são usadas aleatoriamente, isto é, trabalhou-se com uma *variável linguística ou variável dependente que se realiza por meio das variantes “tu” e “você” (e suas variantes fonéticas “ocê” e “cê”)*. Considerando que o falante convive com a alternância dessas formas e, ainda, com base em pesquisas citadas anteriormente, assume-se que tal variável é dependente de fatores agrupados de modo a constituírem as variáveis independentes.

Considerou-se as variáveis independentes de natureza externa à língua, como possíveis responsáveis pelo comportamento da variável linguística em estudo. Foram observadas as categorias classe social (privilegiada e não privilegiada); grau de intimidade (+ próximo, - próximo, entre colegas, professores e diretor); sexo, masculino e feminino; procedência geográfica (rural e urbana). E, como variáveis independentes de natureza interna à língua, observaram-se: função sintática da forma (posição de sujeito, posição de objeto sem preposição, posição de complemento com preposição, posição de complemento de nome); tipo de frase em que a forma ocorre (afirmativa, negativa, interrogativa); ambiente fonológico precedente (pausa, vogal, consoante); morfologia da forma verbal (forma simples, locução verbal); paradigma flexional do verbo (verbo regular, verbo irregular); contexto de interpretação (forma definida e forma indefinida).

4. Descrição e análise dos dados

Após a realização das duas atividades, como já mencionado anteriormente, duas gravações de áudio destinadas a interlocutores diferentes (a primeira, um recado curto para uma pessoa querida e a segunda, uma curiosidade sobre a professora de português) utilizando a ferramenta *WhatsApp*, procedeu-se à descrição e análise dos dados.

Observam-se, na Tabela 1, a seguir, os resultados das duas atividades (AT1 e AT2²⁹) da turma do 8º ano 4. Tratou-se do uso das formas utilizadas nas duas atividades separadamente.

Tabela 1³⁰: Formas de tratamento utilizadas nas AT1 e AT2 – Turma: 8º ano 4.

FORMAS DE TRATAMENTO	VOCÊ		OCÊ	UCÊ	CÊ	TU	OUTRAS FORMAS	TOTAL *C/R	TOTAL *S/R
	AT1 (Amigo, mãe, tia, irmã)	N.Oc.	11	-	-	10	08	-	29/29
%		38	-	-	34,5	27,6	-	100	6,4
AT2 Professora	N.Oc.	23	-	-	06	-	01	30/30	06/36
	%	76,7	-	-	20	-	3,3	100	16,7
TOTAIS AT1 e AT2	N.Oc.	34	-	-	16	08	01	59/59	08/67
	%	57,6	-	-	27,1	13,5	1,7	100	12

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras.

Percebe-se, na coluna AT1, em relação ao texto “Um recadinho para alguém especial”, que foram usadas as formas de tratamento “você”, e sua variante “cê”, e o “tu”. Nos 27 textos analisados, foram registradas 29 ocorrências de referências diretas às formas citadas, porque dois informantes repetiram uma das formas de tratamento. Desse total, foram contabilizadas 21 ocorrências (72,4%) da variante “você” (e sua variante “cê”); e 08 (27,6%) da forma “tu”. Nenhum informante dessa turma fez uso das formas “ocê” ou “ucê”. Em dois textos do *corpus* (6,4%), os informantes não fizeram uso de forma de tratamento alguma, entretanto, usaram a terceira pessoa percebida pela presença dos possessivos “seu” e “sua”, em: a) “...como foi *seu* feriado?” (EPB-S2T4); b) “...posso ficar na *sua* casa?” (PSF-S21T4).

A Tabela 2, mostra a análise das duas atividades (AT1 e AT2) da turma do 8º ano 5.

²⁹ AT1 e AT2 Lê-se Atividade 1 e Atividade 2.

³⁰ Legenda: *S/R = Sem Registro de forma de tratamento. *C/R = Com Registro de forma de tratamento. Nota: Atividades: “Um recadinho para alguém especial” e “Curiosidades sobre a professora”.

Tabela 2³¹: Formas de tratamento utilizadas nas AT1 e AT2 – Turma: 8º ano 5.

FORMAS DE TRATAMENTO		VOCÊ	OCÊ	UCÊ	CÊ	TU	OUTRAS	TOTAL *C/R	TOTAL *S/R
AT1 (Amigo, familiar)	N.Oc.	-	-	01	04	11	-	16/16	08/22
	%	-	-	6,2	25	68,8	-	100	36,3
AT2 Professora	N.Oc.	12	-	-	04	-	04	20/20	03/23
	%	60	-	-	20	-	20	100	13
Totais	N.Oc.	12	-	01	08	11	04	36/36	11/45
Percentuais	%	33,3	-	2,7	19,4	30,5	11,1	100	24,4

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras.

Apesar de o objetivo da proposta da atividade ter sido verificar a fala em um ambiente descontraído e informal, para detectar o comportamento de uso do vernáculo no dia a dia, os áudios possibilitaram perceber que ainda havia ocorrido monitoração da fala. Vale registrar que como professora da turma, em observações espontâneas, mas direcionadas, cotidianamente, a pesquisadora pode observar que o uso do “você” para se referir a um colega ou amigo de convivência diária não era recorrente entre eles, fato que ocorreu, talvez, devido ao ambiente formal da sala de aula e que pode ter contribuído para que essa monitoração acontecesse.

Já na AT2, “Curiosidades sobre a professora”, texto em que os informantes enviavam recados ou curiosidades para sua professora de português/pesquisadora, conforme a tabela 1, nos 27 textos orais analisados do *corpus*, 30 referências diretas à interlocutora, usando uma forma de tratamento foram registradas. Desse total, em 29 referências³² (96,7%) usou-se a forma ‘você’ (e a variante ‘cê’); 01 informante (ECOS-S1T4) (3,3%) utilizou a forma correspondente ‘senhora’. Importante observar que um mesmo informante repetiu, ou usou mais de uma forma, ainda que nenhum informante tivesse se referido à professora utilizando a forma pronominal

³¹ Legenda: *S/R = Sem Registro de forma de tratamento. *C/R = Com Registro de forma de tratamento. Nota: Atividades: “Um recadinho para alguém especial” e “Curiosidades sobre a professora”.

³² O número de referências ao interlocutor é correspondente ao número de ocorrências do pronome.

‘tu’. Seis (06) informantes (16,7%), não utilizaram diretamente uma das formas de tratamento.

Na primeira atividade, AT1, “Um recadinho para alguém especial”, do total de alunos participantes (21), apenas 13 informantes fizeram referência direta aos seus interlocutores, usando uma forma de tratamento. Como dois informantes repetiram e um usou duas das formas (“cê” e “tu”) em um mesmo dado de fala, foram contabilizadas, então, 16 ocorrências. Das formas usadas para se referir ao amigo/pessoa especial (“ocê/ucê”, “cê” e “tu”), o uso do ‘tu’ foi o mais detectado, porque a maioria, 11 informantes (68,8%), fez uso dessa forma pronominal. Saliente-se que nenhum informante fez uso da forma padrão ‘você’, mas houve 05 ocorrências das variantes “cê” e “ucê” (31,2%). Oito (08) informantes (36,3%) não registraram explicitamente forma de tratamento alguma. Entretanto, 02 deles utilizaram pronomes de segunda pessoa, “te” e “tua” e 01 deles de terceira pessoa, “sua” apontados nos trechos de transcrições a seguir: a) “... posso *i na sua casa hoje...*?” (EFR-S6T5); ii) “... queria *te chama pa nós...*” (GSL-S9T5); iii) “...*mais tarde eu vô aí na tua casa...*” (LFPD-S15T5).

Já na AT2, “Curiosidades sobre a professora”, das 20 ocorrências das formas de tratamento analisadas, dois informantes (CMMS-S4T5 e JBS-S11T5) usaram mais de uma forma em referência direta à professora de português, “você” (e sua variante “cê”) e “senhora”. Desse total, 16 informantes (80%) enviaram o recadinho, dirigindo-se à professora como “você” (e cê”); e 04, correspondendo a 20%, fizeram uso da forma ‘senhora’. Ninguém enviou mensagens à professora utilizando o pronome “tu”, apesar de um informante, em um mesmo dado de fala, ter usado segunda e terceira pessoas, em: “...*oi... Zenilda... comé qui cê tá? e tua família tá bem?*” (LVLS-S14T5).

Numa análise geral da primeira parte do *corpus* (AT1), do total de 48 amostras, das duas turmas, em 38 delas, ou seja, 79,2%, os participantes se dirigiram ao seu interlocutor usando uma forma de tratamento, num total de 45 ocorrências, já que alguns informantes fizeram uso de mais de uma forma. Desse total, houve 19 ocorrências, ou seja, 42,2%, de uso do “tu” para se referirem ao amigo; e 26 registros, que correspondem a 57,8%, do “você” (e suas variantes).

Analisando a segunda parte do *corpus* (AT2), de 46 amostras, em 37 delas, correspondendo a 80,4%, apareceram as formas de tratamento, num total de 50 ocorrências, uma vez que um mesmo informante repetiu

ou fez uso de mais de uma forma, na amostra. Desse total de ocorrências, em 45 delas, ou seja, 90%, aparece o uso da forma pronominal “você” (e a variante “cê”) nas mensagens à professora; e em 05, que correspondem a 10% dos casos, foi registrado o uso da forma de tratamento correspondente “senhora”. Observa-se, e é de suma importância ressaltar, que não houve caso algum de tratamento à professora com o uso da forma pronominal “tu”, o que revela distanciamento, ausência de intimidade, respeito, apesar do convívio quase diário. Assim, das 90 ocorrências, foram obtidos 71 casos de “você” (79%) e 19 casos de “tu” (21%). No geral, percebe-se a incidência maior do uso do “você” entre os informantes, nos dados coletados.

Sendo assim, pelos dados de fala analisados, é possível afirmar que há variação quanto ao uso das formas de tratamento “tu” e “você” e as variantes não padrão “ocê/ucê” e “cê”, na oralidade dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Guimarães Rosa – Lontra-MG.

No tocante à análise dos fatores estruturais e não estruturais que influenciam o uso das variantes “tu” e “você” (e as variantes não padrão “ocê/ucê” e “cê”) na oralidade, verificou-se, primeiramente, a atuação dos grupos de fatores não estruturais: sexo, grau de intimidade e classe social. No tocante à procedência geográfica, esse fator não apresentou influência no uso do aspecto pesquisado.

Quanto aos fatores sexo e grau de intimidade, percebeu-se que a turma 4 fez mais uso da variedade padrão da língua, como já mostrado anteriormente, por ser constituída por 70% de mulheres e, segundo Paiva (2017), as mulheres têm preferência pelas variedades de prestígio, diferentemente do que ocorre na turma 8º 5, constituída na maioria por homens (62%), que usam com mais recorrência a variedade não padrão da língua. O grau de intimidade pôde ser comprovado pela presença do pronome “tu” nas mensagens enviadas para o colega (19 do total de 45 ocorrências, ou seja, 42,2%) e sua ausência, nas encaminhadas à professora. Portanto, o grau de intimidade também mostrou ser fator determinante para o aumento ou diminuição da frequência do uso das variantes.

Na sequência, uma análise dos usos das variantes “tu” e “você” (e suas variantes): quando o informante se dirige a alguém com quem ele tem intimidade, ou convivência (a maioria dos recadinhos foi para colegas, irmãs, primos e amigos), percebeu-se grande incidência de uso da forma de tratamento “tu”. A variante “cê” também foi bastante utilizada, constando o uso da linguagem informal no dia a dia. A forma padrão “você”

aparece como terceira opção de uso nesses casos, contudo, é importante ressaltar que em 04 das referências, ela foi também usada no tratamento à mãe e à madrinha, nos recadinhos. Já, quando o interlocutor não era íntimo do informante, caso da professora, ele mantém o respeito, o distanciamento e não usa a forma “tu”, uma vez que, na concepção do povo londrense, referir-se aos mais velhos, aos professores, às autoridades, usando essa forma, é considerado desrespeitoso.

Em relação à classe social, analisando o perfil dos discentes, constatou-se que os alunos da turma 4 pertencem a uma classe social privilegiada, levando-se em conta os padrões econômicos da cidade, interferindo no fato de eles terem feito mais usos da norma padrão nas atividades, de apresentarem uma linearidade/regularidade nos usos do pronome “você”, além de conseguirem monitorar mais a sua linguagem, dependendo de seu interlocutor e do contexto de interlocução.

Já a outra turma, 8º ano 5, é de classe social menos privilegiada e percebeu-se, nas atividades, que fez mais usos da variedade não padrão da língua. Foi a turma que mais utilizou o pronome “tu” (nos recados ao colega, fez uso do “tu” em 68,8% das ocorrências e nenhum uso de “você”, mas de suas variantes “ucê” e “cê”, 31,2%). Por isso, acredita-se que o fator classe social exerce influência nos usos das variantes “tu” e “você”.

A atuação dos grupos de fatores estruturais, função sintática da forma, ambiente fonológico precedente, morfologia verbal, paradigma flexional do verbo, contexto de interpretação da forma e tipo de frase em que a forma ocorre também foi analisada em relação ao comportamento da variável dependente “tu” e “você” (e as variantes não padrão “ocê/ucê” e “cê”). Logo após a breve lista com alguns exemplos transcritos dos áudios, segue a análise dos outros fatores.

Exemplos – Funções sintáticas em que as formas ocorrem:

- a. Sujeito: “...**tu** pode vim me visita?”
- b. Complemento de verbo: “...gosto muito de **você**...”
- c. Complemento de nome: “...tô com tanta saudade de **tú**.”

Exemplos – Tipos de frase em que as formas ocorrem:

- a. Afirmativa: “**Você** é uma professora muito boa...”
- b. Negativa: “Se **você** não estiver ido lá...”
- c. Interrogativa: “... como **tu** e sua família está?”

Do total geral de 90 dados coletados, obteve-se 71 ocorrências de “você” (e variantes) e 19 de “tu”. Percebeu-se, pelos dados analisados, que prevalece na maioria dos usos dos pronomes de segunda pessoa, a função sintática das formas de tratamento em posição de sujeito (90% dos casos); complemento do verbo (5,5% dos casos); complemento de nome (4,4%) na junção quantitativa das duas turmas.

No que se refere ao tipo de frase em que as formas ocorrem, a preferência é para o tipo de frase interrogativa (68,9% dos casos). Frase afirmativa (30% dos casos); frase negativa (1,1% dos casos). Quanto ao fator estrutural ambiente fonológico precedente, não houve influência relevante de nenhum dos fatores no uso das variantes no quantitativo das duas turmas (pausa: 42 casos - 46,6%; vogal, 38 casos - 42,2%). Entretanto, registrou-se que na atividade 1 prevaleceu o uso do “você” na fala dos informantes do 8º ano 4 (72%, favorecido pelo ambiente precedente pausa), na turma 8º ano 5, o uso do “tu” (68,7%, favorecido pelo ambiente precedente vogal). Em relação ao fator morfologia da forma verbal, houve influência da forma simples do verbo (72 casos - 80%).

Concernente à categoria paradigma flexional do verbo, houve a influência do verbo irregular no uso das variantes (67 casos - 74,4%). Em relação ao contexto de interpretação da forma, prevaleceu a definida em 100% dos casos. Certamente, isso se deveu ao tipo de atividade aplicada, uma vez que, nas atividades feitas, os informantes se dirigiam diretamente ao seu interlocutor, não ocorrendo, por isso, o uso da forma indefinida. De um modo geral, não houve diferença entre as turmas pesquisadas no que tange à influência dos fatores estruturais no uso das variantes.

Confirmou-se que existe influência dos fatores estruturais citados exceto do fator ambiente fonológico precedente na oralidade) nos usos que os sujeitos fazem das variantes pesquisadas “tu” e “você” (e suas variantes), no aumento ou diminuição da ocorrência com que os alunos usam uma ou outra variante na oralidade.

5. À guisa de conclusão

O estudo sobre a alternância das formas tratamentais “tu” e “você” na fala dos alunos do 8º ano do ensino fundamental permitiu comprovar que o que acontece em Lontra é um caso de variação linguística e que fatores estruturais e não estruturais influenciam nessa variação. O resultado dos dados analisados comprovou, a um só tempo, os objetivos elencados

e a hipótese levantada, ou seja, tem-se um fenômeno de variação linguística influenciado por fatores internos e externos à língua, já exaustivamente mencionados anteriormente.

Diante do exposto, como educadoras, as linguistas pesquisadoras ressaltam que não se deve ignorar o prestígio de que desfruta a norma padrão linguística, nem as situações e os contextos de uso em que se faz necessária. Sendo assim, é essencial, também, que à norma padrão seja ensinada com uma didática adequada e metodologias eficientes, sem desconsiderar a norma vernacular, também necessário e ainda mais próximo e presente no falar dos alunos. Dentro de uma didática coerente, o professor deve conciliar os dois subsistemas de forma adequada, o estudo da norma padrão e o tratamento dado às outras formas usadas, porquanto, não se trata de substituir uma variedade pela outra, mas de conciliar as duas, para que o aprendiz compreenda quando usar uma ou outra variedade. É essencial, então, a participação do professor no processo que ocorre quando o aluno necessita aprender e compreender os recursos dos quais sua língua materna dispõe para ele utilizar.

O que se pretende não é exigir que os discentes falem *certo*, mas permitir que eles escolham a forma de fala que querem utilizar, considerando o que pretendem falar em determinado contexto sociocomunicativo e a funcionalidade pertinente. Não é necessário dizer que o professor pode aproveitar oportunidades de uso do vernáculo em sala de aula, para abordar as diferenças sociolinguísticas e mostrar aos alunos a variante adequada aos estilos monitorados.

Sobre isso, Faraco (2008) reporta que ainda caminhamos a passos lentos no sentido de como lidar com a diversidade linguística na escola permeada de atitudes, crenças e valores negativos. Para o autor, aí reside a fonte das dificuldades encontradas para reconhecer a “nossa cara linguística” e, como consequência, e enfrentar uma infinidade de obstáculos para oferecer uma educação linguística de qualidade para os alunos. Na visão do autor, devem-se aprofundar buscas a alternativas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Maria do Socorro Vieira. De vossa mercê a cê no português brasileiro: da gramática ao discurso. *Revista Vertentes*, n. 32, jul./dez. 2008.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2017 [1950].

_____. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Labor Histórico*, v. 3, p. 114-32, Rio de Janeiro, jul./dez. 2017 [1996].

HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. “Tu” e “você” em Minas Gerais em uma perspectiva intralinguística. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX. *Labor Histórico*, v. 1, p. 12-25, Rio de Janeiro, jan./jun. 2015.

LUCCA, N. N. G. Da transição tu/você em Minas Gerais. *SEVFALE*, 14., *Comunicação*, Belo Horizonte: FALE/UFMG (Manuscrito), 2000.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. *Revista Letras*, v. 44, p. 91-106, Curitiba, 1995.

_____. Sobre a datação de você, cê e senhorita. *Fórum Linguístico*, v. 6, n. 1, p. 45-71, Florianópolis, jan./jun. 2009.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 33-42

REIS, Zenilda Mendes dos. *A variação de “tu” e “você” no português falado e escrito em Lontra- MG*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2019.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A variação tu e você no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. *Alfa*, p. 545-76, São Paulo, 2013.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; DIAS, Edilene Patrício; ANDRADE, Carolina; MARTINS, Germano Ferreira. Variação dos pronomes tu e você. In: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. (Orgs). *Mapeamento*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

socio+linguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-72

SILVA, Suelen Cristina da. *A variação dos pronomes tu e você na fala mineira de Ressaquinha (MG)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro preto, Mariana, 2017.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.